



CORPO FORMOSO, ALMA DE PASSARINHO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM *GABRIELA, CRAVO E CANELA*, DE JORGE AMADO

BEAUTIFUL BODY, BIRD'S SOUL: REPRESENTATIONS OF THE FEMININE IN *GABRIELA, CRAVO E CANELA* BY JORGE AMADO

Lívia Alves Monteiro Carlos¹

Larissa Cristina Viana Lopes²

Francisco Vieira da Silva³

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar as representações do feminino da personagem Gabriela na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (2001), de Jorge Amado, de maneira a caracterizá-la de acordo com o comportamento diante dos dogmas essencialmente patriarcais. Entendemos que a personagem analisada emerge de uma sociedade que se encontra em processo de modernização, na qual costumes arraigados vão sendo subvertidos aos poucos na tessitura da narrativa.

Palavras-chave: Representação; Feminino; Gabriela.

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze the representations of Gabriela's feminine character in *Gabriela, Cravo e Canela* (2001), by Jorge Amado, so as to characterize it according to the behavior of essentially patriarchal dogmas. We understand that the analyzed character emerges from a society that is in the process of modernization, in which ingrained customs are gradually being subverted in the fabric of the narrative.

Keywords: Representation; Feminine; *Gabriela*.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: lyviamonteiro_21@hotmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: larissavianalopes@hotmail.com.

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas. Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br



INTRODUÇÃO

O século XX é marcado por intensas mudanças que se propagaram em vários níveis na experiência social e humana. E é nessa época que acontece uma descentralização nas tradições patriarcais estabelecidas pela cultura machista dominante, as quais reprimem o feminino, por isso, as mulheres já não eram mais as mesmas, pois não reproduziam mais sem questionamento os modelos sociais que reduziam seu horizonte aos recônditos do lar, para serem boas mães, esposas e donas de casa.

Essa nova mulher que emerge no século XX é a que luta por seus direitos para ocupar novos espaços na sociedade, que lhes possam assegurar uma educação de qualidade, procurando ocupar seu espaço social e político. De fato, no começo deste século surge uma nova da formação de uma identidade feminina, em oposição ao masculino, através da necessidade de independência e profissionalização. De tal modo, a tensão entre o tradicional e o moderno, em relação ao papel da mulher na esfera pública, armou o cenário do temor do masculino diante da modernização do feminino.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a construção do perfil feminino da personagem Gabriela na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (2001), de Jorge Amado, de maneira a caracterizá-la de acordo com o comportamento diante dos dogmas essencialmente patriarcais.

Para tanto, na seção a seguir discutiremos um pouco acerca de alguns perfis femininos na obra Gabriela, cravo e canela para, em seguida, analisarmos a construção da personagem Gabriela no âmbito do referido romance.

Jorge Amado: representações da identidade baiana e de um Brasil colorido

Jorge Amado teve uma longa trajetória literária e seus romances emergiram atrelados aos problemas do Brasil. Em seus enredos, encontram-se sensualidade, cultura, críticas sociais, encontro da ficção com a realidade, a Bahia e suas faces como inspiração e pano de fundo para sua escrita. O escritor, engajado no movimento de 1930, busca mostrar a questão da identidade nacional e cultural do país, procurando focar a formação das raças, do povo, a relação que se estabelece entre a nossa pátria e o



capital estrangeiro, a necessidade de fazer uma inovação no país e, rompendo com formas do passado, descreve um Brasil colorido.

Jorge Amado viveu muitas experiências que são retratadas em alguns de seus romances e, como ele próprio se define romântico e sensual, insere tais aspectos como uma maneira de exibir a essência do povo baiano. O autor aborda temas relacionados a sua terra natal, a Bahia, dando ênfase ao regionalismo em voga, às suas convivências e o que pode presenciar de fato, transmitindo para sua obra a vida urbana da capital, o coronelismo do interior e os tipos do litoral.

Para Albuquerque Júnior (2011, p. 239), desde a obra inicial de Jorge Amado sua proposta é: “captar a identidade do país e de sua cultura, e captar sua singularidade a partir de uma busca das raízes populares, da realidade do povo, da recuperação, para o texto e para a imagem do país, da fala, das figuras e cenas populares”. A obra amadiana surgiu da preocupação em procurar soluções que pudessem sanar os problemas da nação e dos povos que a habitam, e na esperança e urgência de transformar o país em uma nova nação. Nesse sentido, o romancista enxergava com precisão os problemas do país e do povo.

As obras de Jorge Amado, segundo Almeida (1999), divide-se em duas fases: a primeira se inicia com a obra *País do carnaval* (1931) e se encerra com o romance *Seara vermelha* (1946), sendo essa a última obra relevante dessa fase; a segunda inicia com a obra *Gabriela, cravo e canela* (1958), nessa obra a preocupação romanesca do autor já abandona a preocupação político-ideológica e a entonação séria que teria assinalado seu romance até então, para dar espaço a uma narrativa com características lúdicas, humorísticas, trazendo um espírito de paródia e elementos fantástico, sendo esse o estilo dominante dessa fase.

Em sua segunda fase, o romancista empenha-se apontar os costumes que assinalam o hibridismo da sociedade e da cultura brasileira. Contudo, seus personagens principais giram em torno de heroínas femininas, sendo retratadas geralmente como personagens à margem da vida social, que subvertem a ordem social estabelecida, inaugurando um novo tempo, elucidando a celebração presente numa certa liberdade do feminino: “Trata-se da passagem da mulher de objeto manipulado pelo homem a sujeito de seu próprio destino – amoroso ou profissional” (BELLINI, 2008, p. 27). Em seus romances, a mulher não aceita a imposição do masculino, pois luta pelo seu lugar na sociedade, mostrando-se arredia às regras sociais estabelecidas.



Em *Mar morto* (1936), tem-se a história de Guma, herói forte e valente protegido por Iemanjá, que conhece Lívia, durante a festa dedicada à protetora dos mares, e se casam. Mas, para a realização desse casamento, Lívia foge, pois, os tios que a criaram opõem-se a este matrimônio, porque desejavam que Lívia obtivesse um casamento com alguém de posses, entretanto: “A iniciativa indica que a jovem decide seu próprio destino” (BELLINE, 2008, p. 28). Com isso, atesta-se que Jorge Amado já mostra uma preocupação social relacionada à condição da mulher dependente às decisões familiares.

Passaremos agora a uma breve análise sobre a obra *Gabriela, cravo e canela* (1958). A história situa-se na cidade de Ilhéus, em 1925, época em que a cidade está passando por constante transformação na política, na economia e no que se refere às questões sociais da região. Apresenta-se uma Ilhéus em momento de transição social. A cidade perde o tom rústico, que era marcado por uma época em que se apresentava como um local com “ar de acampamento guerreiro que a caracterizava no tempo da conquista da terra: fazendeiros montados a cavalo, de revólver à cinta, amedrontados jagunços de repetição em punho atravessavam a rua sem calçamento” (AMADO, 2001, p. 13). Ilhéus começa a se modernizar, esses aspectos indicam como ela era formada ainda no tempo em que havia disputas para se estabelecer por lá.

A urbe se modernizava e prenunciava um novo tempo que irá se desmembrar através dos novos estilos de vida: “a cidade esplendia em vitrines coloridas e variadas, multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. Bares, cabarés, cinemas, colégios” (AMADO, 2001, p. 13). A cidade estava perdendo seus ares de meio rural, passando a ganhar feições de um meio urbano, já que lojas e comércios invadiam a cidade e a tornava agitada.

Ao passo que Ilhéus vai se modernizando, há os que não aceitam a mudança de perspectiva de vida que a cidade adquire, pois, essas mudanças abalavam as tradições que se colocam para o feminino e para o masculino. No entanto, o coronel Ramiro Bastos mostra-se indiferente a certas modernizações que afetavam as relações femininas.

Ele compreendia, aceitava os cabarés, as casas de mulheres da vida, a orgia desenfreada das noites de Ilhéus. Os homens precisavam daquilo, ele também fora jovem. O que não entendia era clube para rapazes e moças conversarem até altas horas, dançarem essas tais



danças modernas, onde até mulheres casadas iam rodopiar em outros braços que não os de seus maridos, uma indecência! Mulher é para viver dentro de casa, cuidando dos filhos e do lar. Moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha. Não pudera impedir a fundação do clube, bem se esforçara (AMADO, 2001, p. 59)

O coronel não repudiava a modernização e urbanização que chegara a Ilhéus como, por exemplo, o cabaré. Ele assevera que os homens necessitavam desse tipo de diversão, como de costume, para tornarem-se “homens machos” em sua juventude. Porém, a implantação de clubes em que mulheres e homens podem frequentar, divertindo-se de igual para igual, não agrada o coronel. Para ele, o envolvimento do homem com essa mulher “livre” para passear em clubes não era visto como correto, nem para praticarem uma simples dança, configurando esses atos como indecentes e inaceitáveis para a formação feminina. Por isso, retifica que o destino das “mulheres direitas” de Ilhéus está aportado em um só padrão: esperar casar-se para seguirem seu destino como donas de casa.

Na obra são apresentados vários tipos de perfis femininos. Assim, faremos algumas análises sobre algumas mulheres do romance. Começaremos com Glória, mulher que mora no centro da cidade de Ilhéus, em casa posta pelo Coronel Coriolano, fazendeiro rico e seu amante.

Glória é descrita como se fosse um patrimônio cultural da cidade de Ilhéus, pois toda a tarde os frequentadores do Vesúvio, bar de Nacibe, reuniam-se para esperar o momento em que ela se inclinava na janela com sua beleza e seus seios evidentes que chamavam atenção dos curiosos: “Do bar, repleto a partir das cinco da tarde, os homens alongavam os olhos para a janela de Glória do outro lado da praça” (AMADO, 2001, p. 87).

De sua janela, Glória observava o que acontecia em Ilhéus, de maneira a perceber o sentimento que Malvina, estudante do colégio das freiras na cidade, desperta no professor Josué. Este, todas as tardes, aproximava-se da janela de Glória para ver a vizinha Malvina, que não correspondia às suas investidas. O professor Josué e outros personagens da trama não aceitavam que uma mulher como Glória se instalasse no centro da cidade, pois dava mau exemplo às mulheres “direitas” como Malvina. Daí Glória sentir-se solitária e injustiçada em Ilhéus:



De indignação estava cheio seu peito, contra os homens em geral. Eram covardes e hipócritas. Quando, nas horas de mormaço do meio da tarde, a praça vazia, as janelas das casas de família fechadas, aos passar sozinhos ante a janela aberta de Glória, sorriam para ela, suplicavam-lhe um olhar, desejavam-lhe boa tarde com visível emoção. Mas bastava que houvesse alguém na praça, uma única solteirona que fosse, ou que viessem acompanhados para que lhe virassem a cara, olhassem para outro lado, acintosamente, como se lhes repugnasse vê-la na janela, os altos seios saltando da bordada blusa de cambraia (AMADO, 2001, p. 89).

Glória aparece na trama como vítima da sociedade, tem uma pureza contrária à das mulheres de elite, reclusa do convívio social, por representar a mulher que em troca de uma boa vida. Ela doa seu corpo para adquirir o luxo que desejava através do Coronel Coriolano. A personagem fica restrita, em boa parte da obra, no espaço da casa que habita e mantém uma vida solitária, sem amigos e sem ter com quem conversar, fica triste e indignada, observando a vida hipócrita das pessoas.

Apesar dos ares de modernização que invadiam a cidade de Ilhéus, o romance retrata como os indivíduos nessa sociedade criavam suas próprias regras. É neste segmento que é tecida a história da Sinhazinha, mulher do coronel Jesuíno, com o qual não se sente realizada no plano amoroso. A Sinhazinha conhece o verdadeiro amor nos braços do dentista Osmundo, mas essa transgressão em seu casamento custa-lhes a vida dos dois amantes por subverterem as regras do casamento, numa cidadezinha que conserva valores patriarcais em que honra de marido traído se lava com sangue.

A jovem Malvina, personagem de ideias atrevidas para uma moça de família, questiona e não aceita as regras sociais que lhes são impostas, ela não se conforma em viver sob o mando de outra pessoa que a controle, esses fatos são todos comprovados através das ações que realiza na trama, pois quando Malvina é impedida de fazer algo que deseja na trama, como por exemplo, ler um romance de Eça de Queiroz, não aceita essa condição e, além de fazer a leitura da obra proibida, faz com que suas amigas também a leiam escondidas. Vale lembrar também que Malvina foi a única mulher em Ilhéus que prestou solidariedade a Sinhazinha indo ao seu velório:

Ante os olhos espantados da rua comprimida nas portas e janelas, vinha fazer ali, no funeral de uma esposa morta por adultério, essa moça solteira, estudante, filha de fazendeiro? Nem que fossem amigas íntimas. Reprovavam com os olhos, cochichavam pelos cantos. Malvina sorriu para o Doutor, depositou suas flores aos pés do caixão,



moveu os lábios numa prece, saiu de cabeça erguida como entrara, Nacib estava de queixo caído (AMADO, 2001, p. 130).

Não ligava para as convenções sociais de Ilhéus e enquanto muitos indivíduos não tiveram coragem de ir ao funeral do casal morto por adultério, para não manchar a honra diante as pessoas, Malvina, com seus sentimentos abalados e comovida com o atentado, sente-se no dever de ir despedir-se da Sinhazinha. Com esse ato, Malvina, ao mesmo tempo em que é recriminada, é também admirada por seu gesto de coragem. Na ideologia social em que esta personagem se encontrava, era imprudente que uma moça solteira se aproximasse de uma mulher adúltera, entretanto, a moça, como é avessa a tudo que reprime o feminino, vai além dos papéis que a sociedade lhe impõe.

Gabriela: sensualidade e liberdade espontâneas por natureza

Iremos tratar agora da personagem Gabriela da obra *Gabriela, cravo e canela* (2001), do romancista Jorge Amado. O romance narra a história de Gabriela, retirante recém-chegada em Ilhéus, uma cidade que vem sendo marcada por mudanças econômicas, físicas e sociais, e onde as pessoas guardam princípios conservadores e sofrem com a inversão de valores que está acontecendo no lugar, derivada da modernização que, aos poucos, vai tomando conta da cidade.

Gabriela é uma retirante sertaneja que chega a Ilhéus fugindo da grande seca do sertão e, a procura da sobrevivência, conseqüentemente, faz uma grande travessia a pé com um pequeno grupo de retirantes do qual se separa ao chegar a Ilhéus. No mercado dos escravos, ela foi contratada por Nacib, que mesmo desconfiado dos dotes culinários da moça, resolve contratá-la como cozinheira, para fazer os quitutes de seu bar.

Nacib, ao ver Gabriela pela primeira vez, não consegue enxergar seu encanto e beleza, pois a sertaneja vinha com a sua beleza escondida sob a sujeira adquirida durante a travessia: “era impossível ver-lhe as feições e dar-lhe idade, os cabelos desgrenhados, imundos de pó, os pés descalços” (AMADO, 2001, p. 115). Nestas condições, ela é confundida com uma senhora idosa por ele, que a vendo neste estado não consegue distinguir suas feições. Só no momento que ele escuta a voz de Gabriela, é que percebe que se trata de uma jovem.



A beleza de Gabriela só é constatada por Nacib depois que ele a encontra dormindo e livre de toda a sujeira trazida da viagem, é a partir daí que pode ver a encantadora mulher que era a sertaneja:

[...] os cabelos longos espalhados nos ombros. Depois de lavados e penteados tinham-se transformados em cabeleira solta, negra, encaracolada. Vestia trapos, mas limpos, certamente os da trouxa. Um rasgão na saia mostrava um pedaço de coxa cor de canela, os seios subiam e desciam levemente ao ritmo do sono, o rosto sorridente.

– Meu Deus! – Nacib ficou parado sem acreditar.

A espiá-la, num espanto sem limites, como tanta boniteza se escondera sob a poeira dos caminhos? Caído o braço roliço, o rosto moreno sorrindo no sono, ali, adormecida na cadeira, parecia um quadro. Quantos anos teria? Corpo de mulher jovem, feições de menina. [...]

– O senhor... Já lavei roupa, arrumei a casa. Depois fiquei esperando, peguei no sono – uma voz cantada de nordestina.

Dela vinha um perfume de cravo, dos cabelos talvez, quem sabe do cangote.

– Você sabe mesmo cozinhar?

Luz e sombra em seu cabelo, os olhos baixos, o pé direito alisando o assoalho como se fosse sair a dançar.

– Sei, sim senhor. [...]

– Se você sabe mesmo cozinhar, lhe faço um ordenado. [...]

– O que o moço quiser pagar, tá bom pra mim... (AMADO, 2001, p. 126-127)

Neste primeiro encontro de Nacib com Gabriela despida de toda a rudeza que trazia da travessia travada em busca de sua sobrevivência, ele consegue perceber o encanto e beleza da jovem. Quando Nacib a encontra debruçada, adormecida e o esperando, já notamos que ele fica maravilhado com a formosura dela. Daí percebemos que Gabriela é tratada na obra como uma mulher que seduz naturalmente os homens, pois exala beleza e sensualidade sem precisar de artifícios para atrair a presença masculina à sua apreciação.

O modo como Nacib aprecia a sertaneja quando consegue distinguir suas feições já demonstra que Gabriela é uma mulher superior às outras, por ser encarada em seu estereótipo como uma semideusa de Ilhéus, pois havia apenas se despido da sujeira que tomava conta de seu corpo, o que concedeu que ela mostrasse os encantos assentados em sua beleza de mulher simples.

Seu cheiro de cravo, que pelo título do romance tem influência com seus dotes culinários, desperta no homem, em relação à moça, uma conotação de querer possuí-la.



São estas as primeiras características que compõem a sua imagem e que agradam os homens que a veneram como se fosse uma deusa.

Na conversa que acontece neste instante, Gabriela se mostra uma mulher disposta ao trabalho a ela ordenado, elucidando sua disposição para o trabalho já no zelo que teve ao fazer as tarefas da casa, mesmo tendo acabado de chegar há pouco ao seu destino de trabalho. Com isso, afirmamos que Gabriela não é apenas apreciada pela forma de seu corpo, mas também pela sua capacidade de dedicação. Este mesmo trecho ainda demonstra ser ela uma mulher que nada pede, é o que notamos quando ela é interrogada sobre o pagamento de seu trabalho, surpreendendo ao não dar tanta importância para o que receberá.

A recém-chegada atizara em Nacib a vontade de possuí-la, mas todo esse jeito não era provocado por imposição dela, a moça agia naturalmente e toda a sua simplicidade já era o bastante para elevar sua beleza de mulher, pois uma simples fita que colocava nos cabelos já ressaltava ainda mais toda a sua beleza e sensualidade.

Gabriela representava uma mulher completa: cheia de dotes, sabia cozinhar divinamente, limpava e cuidava das atividades da casa perfeitamente. Gabriela também trazia em seu perfil características semelhantes à de uma criança, o que trazia para a personagem uma áurea de pureza, o que nos faz constatar que a malícia não tinha vez em sua personalidade. Observemos como ela reage quando o menino Tuísca fala de seu trabalho artístico no circo e o modo como ela entra na dança com ele:

Imediatamente pôs-se a dançar, tinha a dança dentro de si, os pés criando passos, o corpo solto, as mãos batendo ritmo. Gabriela olhava, com ela era igual, não se conteve. Abandonou tabuleiros e panelas, salgados e doces, a mão a suspender a saia. Dançavam agora os dois, o negrinho e a mulata, sob o sol do quintal. Nada mais existia no mundo. Em certo momento Tuísca parou, ficou apenas a bater as mãos sobre um tacho vazio, emborcado. Gabriela volteava, a saia voando, os braços indo e vindo, o corpo a dividir-se e a juntar-se, as ancas a rebolar, a boca a sorrir (AMADO, 2001, p. 154).

A princípio, Gabriela só observa Tuísca dançar, mas toda a sua inocência e candura de menina a faz deixar de lado o trabalho que estava fazendo para entrar na dança. Gabriela era uma mulher desmedida que não se prendia a nada, nisto vemos que fazia o que tinha vontade e lhe trazia felicidade, como, por exemplo, o ato de dançar que tomou conta de seu ser naquela ocasião, fazendo com que pausasse o trabalho o qual



desempenhava, devido sentir satisfação pela dança. Entendemos que ela foi conduzida pelo vigor de criança que a circunda, demonstrando felicidade e desenvoltura em tudo que faz.

Conhecemos Gabriela de início como a excepcional cozinheira de Nacib, no começo preparava apenas as comidas para o bar e para as refeições diárias do patrão. Porém, a sua comida ganhou fama em Ilhéus, pois era muito bem temperada e agradava o paladar de todos, a clientela que frequentava o bar de Nacib aumentou ao passo que os elogios dos salgados e doces feitos por ela iam se espalhando. A personagem criou o hábito de levar o almoço de Nacib ao bar, dando aos fregueses do bar a oportunidade de vê-la, até passarem a esperá-la chegar só para ter a alegre e bela companhia da moça que arrancava suspiros de todos os frequentadores do bar.

A personagem, deste modo, é construída como um símbolo da mulher que busca romper com os padrões femininos, uma vez que Gabriela tem uma ingenuidade e com ela se mantém fora de todas as regras e de todas as convenções impostas pela sociedade. É, em Ilhéus, a mulher que modifica as regras sociais, com uma simplicidade nos atos que denuncia uma libertação da ideologia que rege a cidade. Gabriela é uma ruptura dos modelos de mulher tradicional, fato que é perceptível em suas ações:

Ela ajudava a servir, para mais depressa o movimento acabar, senão a comida esfriaria na marmita, perderia o gosto. Os chinelos arrastando-se no cimento, os cabelos amarrados com uma fita, o rosto sem pintura, as ancas de dança. Ia por entre as mesas, um lhe dizia galanteios, outro a fitava com olhos súplices, o Doutor batia-lhe palmadinhas na mão, chamava-a *minha menina*. Ela sorria para uns e outros, pareceria uma criança não fossem as ancas soltas. Uma súbita animação percorria o bar, como se a presença de Gabriela o tornasse mais acolhedor e íntimo.

Do balcão, Nacib a via aparecer na praça, a rosa na orelha, presa nos cabelos. Semicerravam-se os olhos do árabe – a marmita cheia de comida gostosa, àquela hora sentia-se esfomeado, contendo-se para não devorar os pastéis e empadas de camarão, os bolinhos dos tabuleiros. E a entrada de Gabriela significaria mais uma rodada de bebida em quase todas as mesas, aumento de lucro. Ao demais, era um prazer para os olhos vê-la ao meio do dia, rememorar a noite passada, imaginar a próxima (AMADO, 2001, p.156, grifo do autor).

A simplicidade era uma característica presente no perfil de Gabriela e isto pode ser notado em seus trajes, como os chinelos simples de couro, os cabelos amarrados numa simples fita, não usava maquiagem, mas vestidos simples e se sente muito bem com sua maneira simples de se apresentar. No bar, estava pronta para servir os fregueses



nos minutos que lá passava e todos os frequentadores do bar já haviam se habituado à presença dela para servi-los, e ela o fazia com grande satisfação.

Notamos, assim, a liberdade de ir e vir de Gabriela, o que a diferenciava das suas contemporâneas, que se mantinham reclusas ao ambiente do lar, participando apenas das atividades internas. Com Gabriela era diferente porque, nessas suas idas ao bar tinha contato com o ambiente externo e desempenhava nele também seu trabalho, servindo ao público do estabelecimento, rendendo, desta maneira, lucros para o bar com sua presença.

O fato de Gabriela ser vista pelos outros apenas como a empregada de Nacib abria espaço para que os homens tentassem se envolver com ela, sem comprometer a sua honra e integridade, pois ela era livre para fazer o que quisesse por não ter família e nem marido para dar satisfação. Também a personagem chega a Ilhéus e não participa dos princípios que são estabelecidos para as mulheres da cidade, porque não entendia os códigos sociais impostos. Por isso, tem um olhar puro sobre as convenções, uma vez que o modo como se comporta na sociedade quebra todos os valores estabelecidos, o que nos impulsiona dizer que se concentra na sua figura uma espontânea subversão aos dogmas femininos da época.

Nacib, satisfeito com a escolha da sertaneja no mercado dos escravos, enaltece as aptidões de Gabriela, que o serviu como empregada, cozinheira e amante. Esse enaltecimento da personagem só é possível devido à maneira livre que a sertaneja tem de olhar para as coisas, a sua visão de mundo e a forma como se comporta, relacionada a sua não rejeição de viver os prazeres que a vida oferece.

O comportamento de Gabriela, de início, trazia tranquilidade para Nacib, até de suas idas ao bar ele gostava, ficando feliz com o aumento que sua presença provocou na freguesia. Mas Nacib começa a se atentar para os riscos que corria de perdê-la, pela possibilidade de ela ser interesseira e dominável pelas propostas dos que a ela ofereciam bons salários e casa montada.

Todavia, Gabriela demonstra que sua felicidade estava na satisfação que tinha de trabalhar para Nacib, era realizada vivendo do seu modo, sem ambição alguma e amante da simplicidade. Mesmo quando faziam ofertas com promessas de um bom ordenado por seu trabalho, a moça rejeitava, mantendo-se fiel a acolhida que Nacib lhe dera ao chegar do sertão. E quando tinha aumento em seu ordenado, sempre afirmava que não



precisava e que não estava pedindo. Ao receber os presentes simples e baratos de Nacibe, explicitava alegria:

– Moço bom, seu Nacib...

Broches de dez tostões, brincos de mil e quinhentos, brincos de mil e quinhentos, com isso lhe agradecia as noites de amor, os suspiros, os desmaios, o fogo a crepitar inextinguível. Cortes de fazenda vagabunda duas vezes lhe dera, um par de chinelos, tão pouco para as atenções, as delicadezas de Gabriela: os pratos de seu agrado, os sucos de fruta, as camisas tão alvas e bem passadas, a rosa caída dos cabelos na espreguiçadeira (AMADO, 2001, p.167).

Esses presentes eram recebidos por Gabriela com tamanha felicidade que transparece em seu perfil a humildade, representando o modo Gabriela de ser, longe das amarras sociais, com gosto pela simplicidade que existe nas pequenas coisas e que lhe traz satisfação e alegria. Nesses presentes também está simbolizada sua liberdade, como gostava de tê-la ao se vestir e calçar com peças que não reprimem seus movimentos e sua liberdade de ir e vir.

Das conversas de Gabriela com dona Arminda sobre as investidas dos coronéis de Ilhéus, que se propunham colocá-la numa casa para dar vida de luxo a sertaneja, transparece em seu perfil um caráter que aponta que sua intenção não era tornar-se mercadoria de ninguém que pudesse pagar por sua presença, já que a moça é satisfeita com a naturalidade e simplicidade presentes em seu jeito de ser. Vemos isso também quando dona Arminda fazia alusão a um possível casamento entre Nacib e Gabriela, quando esta negava esta convenção social:

... Seu Nacib é para casar com moça distinta, toda nos trinques, calçando sapato, meia de seda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem. Gabriela servia para cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar Não velho e feio, não por dinheiro. Por gostar de deitar. Clemente na estrada, Nhôzinho na roça, Zé do Carmo também. (AMADO, 2001, p. 183)

Neste trecho, há uma reflexão de Gabriela em relação às investidas das pessoas que tentavam cercear sua liberdade. Ela sentia realmente paixão por Nacib, contudo não compartilhava dos valores estabelecidos que reprimiam sua maneira de ser e viver. Se aceitasse participar da convenção social do casamento, seria como se assinasse um contrato que a transformaria em propriedade de uma única pessoa, a qual controlaria todos os seus passos, proibindo-a de fazer o que tivesse vontade.



Em todo o romance, Gabriela mostra-se satisfeita com o pouco que tem, contente em ser cozinheira e amante de Nacib, circunstância que se apresenta com tanta força que ela não vê necessidade em aceitar uma proposta de casamento do próprio amante, nem qualquer outra proposta que a reduzisse a condição de objeto. Gabriela reprovava o casamento, compreendia que não servia para casar, pois não abriria mão de sua liberdade, como usar suas roupas simples, seus chinelos, continuar com sua essência natural de cravo e continuar realizada por ser desejada, mostrando-se diferente das moças que já se preparavam desde meninas para se realizarem com o casamento.

Gabriela gostava de viver a liberdade, de ter contato com as pessoas, fazia tudo que sentia vontade e não tinha ninguém que a pudesse controlar, pois ela era uma mulher de personalidade livre que trazia consigo uma inocência de criança. Isso pode ser notado nas suas próprias reflexões, na forma como ela não se importava com o modo convencional como as pessoas agem na sociedade, mostrando uma inocência e pureza quando percebe os sentimentos de ciúmes de Nacib por ela. Estes são sentimentos que Gabriela não compreendia o porquê, não entendia a razão de as pessoas quererem limitar as vontades umas das outras.

Em sua forma de ser mulher, ela fazia o que tinha vontade, pois não estava presa à ordem patriarcal estabelecida no interior baiano, por isso não queria se casar com Nacib, porque era livre e o casamento tiraria sua liberdade. Ela se mostra conhecedora dos sentimentos do amor, porquanto percebemos que ela amava Nacib e quer viver com ele, mas não casada, mostrando que o valor do casamento para ela não tinha importância, mas sim o sentimento que ela tem pela pessoa que ama.

Como Jorge Amado criou essa personagem com uma personalidade de valores que subvertem a tradição da época, porque Gabriela chega a Ilhéus com um olhar despido de preconceitos para com a sociedade e suas normas, isto é demonstrado através da forma que o perfil feminino da personagem foi construído. Vemos a personagem avessa aos valores da cidade, por isso é livre das concepções formadas diante da moral burguesa, dos comportamentos e bons costumes convencionais da época.

Então, Gabriela é construída com uma personalidade que a podemos qualificar como singular em Ilhéus, pois a personagem tem como sua maior marca a sensualidade, que compreendemos como a característica chave utilizada por Jorge Amado, para subverter os valores que eram diferentes dos ditames históricos.



No entanto, Gabriela, que é cobiçada por muitos homens de Ilhéus, é logo pedida em casamento por Nacib, o qual, por ciúme do desejo que a personagem desperta nos outros homens, teme perder a amante para outro. Mas Gabriela tem como norte de sua vida a alegria e liberdade de viver e não pretende, por esse motivo, prender-se a nada nem ninguém, motivo que a faz resistir até a última hora ao pedido de casamento: “Quando lhe dera a notícia, quando pedira sua mão, ela ficara a pensar: / – Por que, seu Nacib? Precisa não... / – Não aceita? / – Aceitar, eu aceito. Mas, precisava não. Gosto sem isso. (AMADO, 2001, p. 235). A moça, mesmo sendo inadequada para um casamento, devido já ter uma vida sexual ativa, tem com Nacib a oportunidade de formar uma família dentro dos padrões patriarcais da época, quebrando, assim, paradigmas em Ilhéus.

Mesmo assim, mostra que não pretende casar-se com Nacib por vontade própria, cedendo ao pedido apenas para realizar a vontade do homem que ama. Entretanto, com o casamento concretizado, Nacib passa a guiar os passos de Gabriela, retirando seu poder de decisão e dos atos que praticava quando solteira. Assim, já no primeiro dia de casados, Nacib explicita sua intenção de “reeducar” Gabriela, pois pretende torná-la uma mulher dentro dos padrões burgueses:

- Bié...
- Seu Nacib...
- Por que *seu* Nacib? Sou seu marido, não seu patrão...
- Ela sorriu, arrancou os sapatos, começou a arrumar, os pés descalços.
- Ele tomou-lhe da mão, repreendeu:
- Não pode mais não Bié...
- O quê?
- Andar sem sapatos. Agora você é uma senhora.
- Assustou-se:
- Posso não? Andar descalça de pé no chão?
- Pode não.
- E por quê?
- Você é uma senhora, de posses, de representação.
- Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela...
- Vou te educar – tomou-a nos braços, levou-a pra cama.
- Moço bonito... (AMADO, 2001, p. 236-237 grifo do autor).

O casamento para Gabriela veio como uma repreensão para sua liberdade. E logo ela já é repreendida desde a forma de tratamento que usa para falar com Nacib até a sua postura para com os sapatos, já que ela gosta de usar coisas simples. Mas agora, com o casamento, Nacib pretende “reeducar” Gabriela e já começa dando ordens para



que ela não ande mais sem sapatos e, apesar de obedecer ao pedido, ela estranha as regras que vão se impondo.

A aversão que a personagem tem dos sapatos simboliza a negação aos valores sociais por parte dela, que foi obrigada, após o casamento, a usar a peça para que seu esposo pudesse vê-la encaixada na ordem social de Ilhéus, da qual a personagem não participava, mas agora seria obrigada a participar.

As restrições que surgem com o casamento não agradam a Gabriela, que é proibida de praticar coisas de que gostava como de ir ao circo, porque tinha se tornado a mulher Saad, sobrenome que ganhara quando casou com Nacib. Porém, quando a personagem manifesta sua vontade de ir ao circo e convida o esposo para ir também, é repreendida por ele, que afirma que eles vão para uma conferência: “– Ouça, Bié, já te disse: você agora não é mais uma empregadinha. É uma senhora. A senhora Saad. Precisa se compenetrar disso. Tem uma conferência, vai falar um doutor que é um colosso. Toda a nata de Ilhéus vai estar lá. Nós Também” (AMADO, 2001, p. 254).

É imposto por Nacib que Gabriela tem de se comportar e frequentar os lugares que as pessoas bem vistas na sociedade de Ilhéus também frequentavam. Ele cobra atitudes dela para que se transforme em uma mulher de elevada posição social, o que era difícil para ela, cuja vida era guiada por seus próprios parâmetros, agora se vê presa a alguém que pretende nortear seus passos de modo a contrariar suas vontades. Assim, a vida de casada não traz satisfação para Gabriela, uma vez que as práticas sociais as quais querem que nela se insiram são por ela rejeitadas. O esposo tenta mudar o comportamento dela, proibindo-a de ser/fazer o que gosta, como, por exemplo, a proibição de sua participação no terno de reis:

Que diria o povo de Ilhéus, seus amigos do bar, as senhoras da alta roda, o coronel Ramiro que tanto a distinguiu? Impossível, Gabriela, impossível pensar em tal coisa, nunca vira absurdo maior. Bié precisa se convencer que não é mais uma pobre empregada, sem família, sem nome, sem data de nascimento, sem situação social. Como imaginar a senhora Saad na frente do terno, a trazer na cabeça coroa dourada de papelão, rebolando o corpo na dança de paços miúdos, vestida de cetim azul e vermelho, empunhando estandarte, entre vinte e duas pastoras conduzindo lanternas, a pastora Gabriela, a primeira de todas, a mais notada de todas? Impossível, Bié, que ideia mais doida... (AMADO, 2001, p. 302).

Entendemos que ele se importava demais com o julgamento dos outros sobre o comportamento de Gabriela. Como o terno de reis é uma tradição de fim de ano



praticada pelas pessoas que estão à margem da sociedade em Ilhéus, se Gabriela participasse da festividade estaria destoando das condutas de participação social da alta classe, o que a diferenciaria do grupo e geraria falatórios a seu respeito, fato que suscitaria constrangimentos no esposo.

Mas como Gabriela não se incomodava com os julgamentos que os outros pudessem fazer sobre suas condutas, quando viu o terno de reis chegando, misturou-se com o grupo e se pôs a dançar, contrariando o esposo, que ficou envergonhado: “Gabriela descalçou os sapatos [...]. Seu corpo rodou, suas ancas partiram, seus pés libertados a dança criaram” (AMADO, 2001, p. 307). Neste instante, Gabriela revoluciona os padrões sociais, pois, quando entra no terno de reis com toda sua alegria, é também acompanhada pelas pessoas da alta sociedade de Ilhéus, que também entram na dança.

Gabriela, com a dança, subverte a ordem do esposo, mostrando que é uma mulher impossível de se encaixar no modelo social que reprime seus instintos de liberdade. Ou seja, ela é uma pessoa cujo perfil está ligado à necessidade que tem de sentir prazer diante da simplicidade da vida, já que é avessa às práticas sociais que lhe tolem a liberdade. A partir disso, começa a praticar uma série de desobediências ao marido que amava, mas que não a compreendia.

As práticas que deixam explícitas a recusa à vida de casada por parte de Gabriela se consolidam com a traição ao esposo:

“NUA, ESTENDIDA NA cama de casal, Gabriela a sorrir. Nu, sentado à beira do leito, Tônico, os olhos espessos de desejo. Por que não os matara Nacib? Não era a lei, a antiga lei cruel e indiscutida? Escrupulosamente cumprida sempre que se apresentava ocasião e necessidade”? (AMADO, 2001, p. 313, grifos nossos).

Gabriela pratica a traição como uma consequência que pudesse trazer de volta a sua liberdade, pois ela sofria com a submissão que Nacib propunha, pois, a personagem não conseguiu contrariar sua natureza, vivendo de cobranças advindas do casamento. Ela decide seguir seus desejos, mesmo causando perdas e dor, o que demonstra que a personagem não aceitou viver de normas, rompendo sempre com elas.

Com essa traição, há uma mudança nos costumes dos maridos traídos de Ilhéus, pois Nacib não matou Gabriela, como fez o assassino da sinhazinha para lavar a honra. Simplesmente Gabriela é mandada embora pelo dono do bar, depois de levar uma



grande surra. Já o amante de Gabriela, Tonico, ao invés de ser morto por Nacib, como convém a lei adotada pelos homens comuns de Ilhéus, leva apenas uma “bofetada” do homem traído. É perceptível aí a quebra realizada nos costumes de Ilhéus através da traição de Gabriela. Era difícil romper com as tradições que já estavam enraizadas, havia um estigma muito forte em relação às transformações sociais para com o feminino, como argumenta Louro (2012, p. 453): “percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada. Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco”.

Na cidade, as pessoas tentam compreender a personalidade de Gabriela, é o que vemos no questionamento do Capitão a João Fulgêncio:

- Como você explica, João Fulgêncio, o caráter de Gabriela? Pelo que você conta, ela gosta mesmo de Nacib. Gostava e continua a gostar. Você diz que a separação para ela é muito mais dura do que para ele. Que o fato de botar-lhe os chifres não significa nada. Como assim? Se gostava dele, por que o enganava? Que explicação você me dá? [...]
- Para que explicar? Nada desejo explicar. Explicar é limitar. É impossível limitar Gabriela, dissecar sua alma.
- Corpo formoso, alma de passarinho. Será que tem alma? [...]
- Alma de criança, talvez [...]
- De criança? Pode ser. De passarinho? Besteira, Josué. Gabriela é boa, generosa, impulsiva, pura. Dela podem-se enumerar qualidades e defeitos, explicá-la jamais. Faz o que ama, recusa-se ao que não lhe agrada. Não quero explicá-la. Para mim basta vê-la saber que existe. (AMADO, 2001, p. 319)

Observamos no diálogo que as pessoas não entendiam porque Gabriela traiu o esposo se o amava, eles consideram que a traição praticada por Gabriela só trouxe dor para ela. É notado que Gabriela sabia dividir o fato de se entregar a outro do amor que sentia por Nacib. Com seu jeito de ser, ela conseguia se deixar sentir prazer por “gostar de deitar”. Por conseguinte, a traição para Gabriela não significava nada demais, porque ela estava fazendo o que gostava e, com este ato, rompeu a submissão a que ficou sujeita.

Como Gabriela não se explica, porque é um ser singular que possui uma identidade única, diferindo-a das demais mulheres, tem uma personalidade que não aceita se prender a regras, ela tem a necessidade de liberdade, é impossível limitar suas qualidades e conhecer o seu íntimo. Entretanto, apesar de Gabriela ser uma mulher conhecedora de muitas coisas da vida, ela tem uma inocência em seu modo de agir que



a faz pura e inocente em suas ações, disso decorre sua comparação com criança. Por exemplo, ela não entendia as convenções sociais patriarcais que limitam os modos de ser das pessoas e principalmente das mulheres, por isso praticava ações que os outros consideravam impróprias para o comportamento feminino.

E queria, como queria!, vê-lo sorrir com seu rosto tão bom, sua cara bonita. Sorrir junto dela, tomá-la nos braços, dizer-lhe Bié, enfiar os bigodes no cangote cheiroso. Não havia no mundo mulher que tanto gostasse de um homem, que com tanto amor suspirasse por seu bem-amado como suspirava, morta de amor, Gabriela por seu Nacib (AMADO, 2001, p. 321).

Agora Gabriela já não era mais a senhora Saad, mas demonstra continuar amando Nacib. Neste fragmento, notamos que ela já não estava mais presa a ninguém e que ela era só Gabriela, como gostava de ser, mas, ao mesmo tempo em que ganhou sua liberdade, não estava feliz, ela desejava sua vida de antes do casamento, ser cozinheira e amante de Nacib.

Gabriela conseguiu transgredir a ordem estabelecida para as mulheres, pois conseguiu colocar um fim no casamento e ainda voltou a sua vida simples de antes, retomando sua cozinha e seu amante, revolucionando, portanto, os costumes em Ilhéus.

Em resumo, Gabriela é apresentada na obra como uma sertaneja recém-chegada a Ilhéus, fugida da seca, a qual é amparada por Nacib, que a emprega como sua cozinheira, ficando, assim, reconhecida em Ilhéus pelos quitutes incríveis que agradam o paladar de todos frequentadores do bar de Nacib e como a sensual mulher que desperta o desejo dos homens que a vê. Outra característica presente em Gabriela se assenta em sua sensualidade natural, que desperta tanto em Nacib como em todos que a ver, o desejo de possuí-la.

A moça também apresenta em seu perfil características que a fazem tão inocente quanto uma criança, pois Gabriela tem em sua configuração uma áurea de ingenuidade e pureza na forma de olhar para tudo, o que mostra que ela não vê malícia em nada que pratica. Mas, sua maior característica está na forma como se dispõe da liberdade em sua vida, por mostrar-se incontrolável em seus instintos e atos, é o que vemos quando pratica um adultério para recuperar a liberdade que foi cerceada com o casamento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, compreendemos que o sujeito feminino, no decorrer da história, foi mantido numa posição inferior na hierarquia social, porque essa era a divisão dos sexos tida como natural dentro da sociedade. Mas, é no século XX que surge na sociedade uma nova mulher questionadora dos papéis sociais a ela atribuídos e é nesse quadro de questionamentos que surge uma figura que tem voz dentro da sociedade, pois é nessa época que valoriza seu conhecimento intelectual, mostrando-se um sujeito que sabe pensar e agir, o que começa a provocar mudanças na forma como a mulher é vista diante da sociedade.

Nesse sentido, a personagem Gabriela emerge de uma sociedade que se encontra em processo de modernização no qual os antigos costumes postos vão sendo subvertidos aos poucos no romance. É nesse cenário que surge a personagem, vista na obra como a mulher que, ao não participar dos padrões da sociedade de Ilhéus, consegue aos poucos ir rompendo os padrões que lhe vão sendo impostos, o que deixa uns revoltados, mas outros admirados com sua singularidade em ter punho forte para viver do seu modo. Com ela temos a visão do indivíduo livre, configurando-se em um perfil de mulher corajosa e ousada, amante do prazer e da liberdade.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2001.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2011.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- BELLINE, Ana Helena Cizotto. Representações do feminino. In. GOLDSTEIN, Norma Seltzer. (Org.) **Caderno de leituras: a literatura de Jorge Amado**. Companhia das letras, 2008. p.26-39.
- LOURO, Garcia Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 443-481.

Recebido em: 02 abr. 2018

Aceito em: 20 abr. 2018